

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
UNIDADE ACADÊMICA DE GARANHUNS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS

Sara Rocha Vanderley

**A NARRATIVA DA DESCOBERTA DO AMOR EM *ELEANOR & PARK*:
ADOLESCÊNCIA, *BULLYING* E PRIMEIRO AMOR**

Garanhuns

2019

Sara Rocha Vanderley

**A NARRATIVA DA DESCOBERTA DO AMOR EM *ELEANOR & PARK*:
ADOLESCÊNCIA, *BULLYING* E PRIMEIRO AMOR**

Trabalho de conclusão de curso de graduação
apresentado à Unidade Acadêmica de Garanhuns da
Universidade Federal Rural de Pernambuco, como
requisito para a obtenção do título de Graduada em
Letras – Português, Inglês e suas respectivas literaturas.

Orientador: Profa. Dra. Marcia Félix da Silva Cortez

Garanhuns

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal Rural de Pernambuco
Sistema Integrado de Bibliotecas
Gerada automaticamente, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

V235n Vanderley, Sara Rocha
A narrativa da descoberta do amor em Eleanor & Park: adolescência, bullying e primeiro amor / Sara Rocha
Vanderley. - 2019.
45 f. : il.

Orientadora: Marcia Felix da Silva Cortez.
Inclui referências e anexo(s).

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal Rural de Pernambuco, Licenciatura em Letras (Português e Inglês), Garanhuns, 2022.

1. Bullying. 2. Literatura infantil/juvenil. 3. Amor. 4. Adolescência. I. Cortez, Marcia Felix da Silva, orient. II. Título

Sara Rocha Vanderley

**A NARRATIVA DA DESCOBERTA DO AMOR EM *ELEANOR & PARK*:
ADOLESCÊNCIA, *BULLYING* E PRIMEIRO AMOR**

Trabalho de conclusão de curso de graduação
apresentado à Unidade Acadêmica de Garanhuns, da
Universidade Federal Rural de Pernambuco (UAG-
UFRPE), como requisito para a obtenção do título de
Graduada em Licenciatura em Letras – Português,
Inglês e suas respectivas literaturas.

Aprovado em 24 de janeiro de 2019

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Marcia Félix da Silva Cortez - Orientadora
UFRPE – UAG

Profa. Dr. Luíza Cristina Pereira de Araújo
UFRPE – UAG

Prof. Dr. Rogério Cavalcante de Moura
UFRPE – UAG

Aos meus filhos, Davi e Heitor, que foram o único motivo para me manter forte e perseverar até o fim, e a minha mãe que foi meu braço direito desde o berço até aqui.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiro a Deus, pelo dom da vida e por me guiar sempre em todas as situações que enfrentei na vida até aqui.

Aos meus pais, que ao me adotarem tornaram possível uma boa educação e minha chegada até a universidade, sem vocês eu não teria a chance de chegar onde cheguei.

Aos meus filhos Davi e Heitor, que ao nascerem na minha vida me encheram de responsabilidades e amor, me dando um motivo pra sempre buscar ser melhor, como mãe e como pessoa.

Ao meu melhor amigo Carlos Cavalcanti, Carlinhos, meu exemplo de dedicação e persistência, sempre me impulsionando a crescer e acreditando em mim.

A Kallyane e Leah minhas amigas que seguiram comigo até o fim deste percurso, lutando juntas as batalhas diárias.

A professora Marcia por ter paciência e me instruir da melhor forma a realizar este trabalho.

Aos professores Luiza e Rogério por se disporem a dedicar seu tempo e atenção a leitura e avaliação deste trabalho.

A todos os meus amigos que me acompanharam até aqui e acreditaram em mim.

O meu muito Obrigado!

Quando ele tocou a mão de Eleanor, ele a reconheceu. Ele soube.
(Eleanor & *Park*)

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo observar a recorrência do tratamento do *bullying* na obra infantojuvenil *Eleanor & Park*, da autora Rainbow Rowell, considerando a relação entre este e o primeiro amor estabelecida por alguns leitores a respeito da obra analisada. Nela, Rowell apresenta questões sobre as diversas mudanças que os adolescentes vivenciam e como encaram o desenvolvimento de suas características físicas, além de sua reação ao se apaixonar pela primeira vez e do *bullying* sofrido por ser diferente e não se enquadrar no meio entre os colegas, dessa forma retratando, como foco principal, a relação entre Eleanor e Park. Para que se pudesse estabelecer tal relação entre leitores e obra e a temática abordada por ela com os requisitos apresentados, foi-se necessária a utilização de pesquisas efetuadas pela rede social para leitores brasileiros, Skoob. Dessa forma, afim de alcançar o objetivo definido, utilizou-se das pesquisas de Bandeira e Hutz (2012), Pesce, Assis e Avanci (2008), Picado (2009), Gregorin Filho (2007), Azevedo (2006), Costa (2012), entre outros estudiosos a respeito do *Bullying* e Agressividade, da Literatura infantil/juvenil e das questões sobre o amor na adolescência. A análise é feita comparando as respostas das entrevistas com as relações entre *bullying* e amor na adolescência, levando em consideração como os leitores se identificam com a obra.

Palavras-chaves: Bullying; Literatura infantil/juvenil; Amor; Adolescência.

ABSTRACT

This project aims to study the development of bullying in the young adult book *Eleanor & Park*, of the American writer Rainbow Rowell, considering the connection of bullying and first love established by some readers about the book analyzed. In this book, Rowell, presents concerns about several changes in teenagers' lives and how they face the development of their physical characteristics, beyond their reactions about falling in love for the first time, the bullying that they have been suffered for being different and not to fit in with the colleagues, this way portraying, as main focus, the relationship between Eleanor and Park. In order to establish such a relationship between readers and the book and the main theme addressed by it with the requirements presented, it was necessary to use surveys conducted by the social network for Brazilian readers, Skoob. In this way, in order to reach the objective defined here, It was used the researches of Bandeira and Hutz (2012), Pesce, Assis and Avanci (2008), Picado (2009), Gregorin Filho (2007), Azevedo (2006), Costa (2012), among other researchers about *Bullying* and Aggression, Young Adult Literature, and the concerns about love in youth. The analysis is made by comparing the answers of the interviews with the relationships between *bullying* and love in adolescence, taking into consideration how the readers identify themselves with the book.

Keywords: Bullying; Young Adult Literature; Love; Adolescence.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	Erro! Indicador não definido.
2 PRIMEIRA SESSÃO – LITERATURA PARA JOVENS, BULLYING E AMOR	10
2.1 O BULLYING NO CONTEXTO ESCOLAR.....	10
2.2 LITERATURA INFANTOJUVENIL	13
2.3 A DESCOBERTA DO AMOR.....	15
3 SEGUNDA SESSÃO – <i>ELEANOR & PARK</i>, POR RAINBOW ROWELL	19
3.1 RAINBOW ROWELL.....	19
3.2 BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE <i>ELEANOR & PARK</i>	21
4 TERCEIRA SESSÃO – A RELAÇÃO OBRA vs LEITORES	29
4.1 SKOOB E A COMUNIDADE DE LEITURA.....	29
4.2 LEITORES, <i>BULLYING</i> E AMOR	30
4.2 <i>ELEANOR & PARK</i> E OS LEITORES	33
CONCLUSÃO.....	37
REFERÊNCIAS	39

1 INTRODUÇÃO

É fato que a adolescência é uma fase de mudanças biológicas, psicológicas e sociais em nossas vidas. Essa transição da infância para a fase adulta acarreta transformações principalmente no corpo e no modo como nos comportamos perante a sociedade, o indivíduo ganha novas responsabilidades e papéis, o que implica em novas emoções, percepções, questionamentos e reflexões quanto ao mundo, em que é primordial conquistar um emprego, bem como a possibilidade de encontrar o primeiro amor. Sendo assim, a adolescência chega a ser um processo de (re)construção social, em que a necessidade de uma nova identidade, focalizada no desenvolvimento da autonomia e de novas sensações.

Ainda é na adolescência em que é corriqueiro um comportamento mais agressivo, este pode ser originado do contexto (político, social, econômico e cultural) em que o adolescente está inserido, como também por influências das culturas de massa (músicas, programas de TV, filmes, desenhos, entre outros) ou até mesmo por nenhum motivo específico. Partindo desse conceito de agressividade é que nos deparamos com o *bullying*. O que se caracteriza do uso da força física, da ameaça ou da coerção para intimidar, abusar, dominar ou influenciar outros indivíduos por meio da agressividade. Tais comportamentos podem ser ocasionados por diferenças de raça, gênero, classe social, religião, orientação sexual, aparência, personalidade, tamanho, habilidade, dentre outras características.

Para nos situarmos ao tema deste trabalho a literatura infantojuvenil é imprescindível, uma vez que se aproxima da realidade da criança e do adolescente. No que tange aos jovens, essa literatura *teen* propõe maior desenvolvimento da imaginação e da criticidade, pois procura criar e recriar um espaço literário a partir das vivências de mundo desses. Sendo assim, na maioria das vezes ela retrata questões de sexualidade, em que há a busca e descoberta do primeiro amor, assim como demais vivências relacionadas à fase da adolescência. O primeiro amor pode se manifestar de diversas formas, seja um amor idealizado, silenciado, arbatador ou motivacional, que impulsiona o jovem a ter melhor desempenho em determinadas tarefas. Da mesma maneira que pode florescer confusões relacionadas aos comportamentos contraditórios aos que esse possuía previamente, como isolamento social, sentimento de posse/ciúme, agressividade, falhas na autoestima, perda de interesse pelas atividades que fazia, mentiras e atitudes e situações de risco para ele.

Este trabalho trata de uma pesquisa qualitativa bibliográfica que, consistiu na análise do livro *Eleanor & Park*, da escritora americana Rainbow Rowell, que abrange questões quanto à adolescência, ao bullying e à descoberta do primeiro amor. A obra retrata experiências vividas pelas personagens Eleanor e Park, dois adolescentes considerados ‘estranhos’ que, segundo a autora, nos levam de volta aos dias de frio na barriga, quando achávamos que todo peso da paixão iria nos sufocar e que uma simples ação de segurar as mãos já era mais do que suficiente para nos levar as nuvens. O objetivo geral deste trabalho se qualifica em observar a recorrência do tratamento do *bullying* na obra infantojuvenil *Eleanor & Park*, considerando a relação do *bullying* e do amor que alguns leitores estabeleceram com a obra analisada.

Foi possível se utilizar de pesquisas quanto ao público alvo dessa literatura quanto a referida obra, em que foi elaborado um questionário especificamente para atender o objetivo desta pesquisa. Esse questionário foi divulgado, respondido e coletado por meio de uma plataforma digital, esta foi o Skoob, uma rede social brasileira colaborativa para leitores.

O presente trabalho estabelece como objetivos específicos: (i) compreender a prática do bullying no contexto escolar; (ii) explicar o conceito de literatura infantojuvenil; (iii) relacionar a temática do amor adolescente; (iv) analisar a obra de acordo com os parâmetros pré-estabelecidos, comparando com as respostas da pesquisa feita.

A fim de atingir esses objetivos, utilizamos fundamentalmente das pesquisas de Bandeira e Hutz (2012), Pesce, Assis e Avanci (2008) e Picado (2009) quanto aos estudos sobre Bullying e Agressividade, os postulados teóricos de Gregorin Filho (2007) sobre Literatura infantil/juvenil, Azevedo (2006) e Costa (2012) como referências teóricas para as questões sobre o amor na adolescência, entre outros.

Este trabalho se divide, portanto, em três seções. Na primeira, é apresentada a fundamentação teórica no que diz respeito à adolescência, agressividade/*bullying* e ao amor nesta fase. A segunda seção apresenta a autora Rainbow Rowell, a obra *Eleanor & Park* e tece algumas considerações a respeito da abordagem dada ao amor e ao *bullying* na obra em questão. Por fim, a terceira seção buscará fazer uma análise da obra conceituando essas mesmas questões, contudo relacionando às entrevistas feitas através de um questionário enviado pelos leitores por meio da rede social Skoob.

2 PRIMEIRA SESSÃO – LITERATURA PARA JOVENS, BULLYING E AMOR

A adolescência é o período em que o jovem vê um mundo de possibilidades se abrir diante de seus olhos. Entre eles está o amor. Não raro o primeiro amor é aquele quando deixamos de pensar nas brincadeiras de rua com os amigos e gastamos tempo admirando aquela menina ou rapaz que a nossos olhos é lindo. Ao mesmo tempo, no cenário escolar, torna-se muito comum a prática da gozação dos colegas. Essa que está atrelada ao uso de apelidos que, muitas vezes, denigrem a imagem do outro e, em alguns casos, ainda incita a agressão física. A essa prática chamamos de *bullying*. Neste capítulo observaremos como se configura o *bullying* e qual a origem do termo, em concomitância com a descoberta do amor na adolescência e como estes são representados na literatura.

2.1 O BULLYING NO CONTEXTO ESCOLAR

A agressividade é algo inerente ao ser humano, sendo interpretado como um instinto de sobrevivência (BIAGGIO, 1985 *apud* TOMÁS, 2016), em que, ainda que haja o desenvolvimento e constante evolução do homem, este traço permanecerá característico, inato ao ser. Além disso, a agressividade por si só não é, em si, o próprio problema, ainda que ela se apresente de diversas formas em vários sujeitos (quer no ato da fala, quer no ato da ação). Ao observar comportamentos agressivos, não se deve única e exclusivamente julgar como instinto, tendo em vista que a manutenção ou aquisição de algum costume considerado agressivo se deve, também, de acordo com o meio ambiente em que o sujeito está inserido (BIAGGIO, 1985 *apud* TOMÁS, 2016). Isto porque as crianças se posicionam no mundo de diversas maneiras. Algumas demonstram ser mais ativas enquanto outras são mais retraídas (PESCE, 2008), por exemplo.

Assim sendo, ao considerar o comportamento agressivo em uma criança, não se deve apenas julgar como ato instintivo da mesma. Antes, porém, é imprescindível que se observem os contextos social, cultural, político e econômico em que ela está inserida. Podendo-se perguntar se é, também, uma mera reprodução de algo que ela veja e considere normal/natural em seriados de TV, desenhos animados, novelas, filmes, no contexto familiar imediato ou não ou ainda mais, se é uma forma de reação ao sofrer abusos/agressões em qualquer esfera em que se encontre inserida. Além disso, ainda está envolto o fato de a violência/agressão existir sem

um motivo específico. Confirmando a pesquisa de Tomás (2016), a agressividade tem recebido grande atenção em diversas áreas do conhecimento. Entre elas estão a Psicologia, a Biologia, a Pedagogia. Esta última, porém, sendo de vital importância para este trabalho.

Se, por um lado, a agressividade, para a Biologia, não é encarada como algo ruim, para a Pedagogia, no entanto, ela representa um problema bastante pertinente. Isto acontece porque ela prejudica o ato de educar, uma vez que os alunos considerados agressivos são separados dos demais e acabam não recebendo a devida atenção e ajuda por parte dos professores (TOMÁS, 2016). Neste contexto, entendemos a caracterização do *bullying*, uma vez que ele é influenciado diretamente por esse conceito de agressividade no âmbito escolar.

A palavra *bullying*, é traduzida do inglês e “compreende as múltiplas formas de violência física e/ou psicológica intencionais e repetidas, praticadas entre pares por um indivíduo (*bully*) ou um grupo (*bullies*) que ocorrem sem motivação evidente [...] e sendo executadas no contexto de uma relação desigual de poder” (PICADO, 2009, p. 2). Isto é, em uma situação hipotética, um ou mais estudantes sentem-se socialmente superiores em relação a outro estudante e, por esse motivo, não vê problema em humilhar e/ou agredir o outro.

Logo, enquanto a agressão/agressividade se caracteriza por atos isolados, acontecimentos que não são repetidos diária ou semanalmente, por exemplo, o *bullying* diz respeito à discriminação de indivíduos por outros de seu convívio, intencionalmente e repetidamente (TOMÁS, 2016), e caracteriza-se por conter

atos de intimidação e agressão [...] identificados pela intencionalidade das ações de magoar e ferir outra pessoa que seja vítima e alvo de comportamentos e atos agressivos, como: bater, empurrar, tirar dinheiro, chantagear e ameaçar, atribuir apelidos pejorativos, humilhar, chamar nomes (xingamentos), excluir, rejeitar e ignorar o colega etc. (SENRA, 2011, p. 298).

Vemos que ambos os conceitos estão interligados, pois os atos que caracterizam a agressão são, em prática, os mesmos que caracterizam o *bullying*. A diferença está expressa, nesse caso, em relação à intensidade e frequência. Quando se configura como um hábito, passa a ser uma prática de *bullying*.

O *bullying* vem a ser dividido em três tipos, bem expressos no estudo de Antunes e Zunin (2008, *apud* SENRA, 2011), que classificam de maneira mais abrangente as agressões que são presenciadas no âmbito escolar. O primeiro tipo é o *bullying* cuja agressão é direta e física – consiste em roubo, extorsão, imposição de atividades servis ou ameaça dessas, e nota-se ainda a imposição de condutas sexuais. O segundo tipo se apresenta quando a agressão é direta e verbal – neste caso estão envolvidos insultos, comentários racistas e/ou preconceituosos,

além dos famosos apelidos que ressaltam e distorcem alguma característica do indivíduo, como: “baleia”, “orca” para se referir ao fato de o colega estar acima do peso, ou simplesmente porque seu biótipo não é magro/magérrimo. Por fim, o terceiro tipo é o de ameaça indireta. Nesse tipo ocorre a exclusão sistemática de uma pessoa ou grupo (em geral leva em conta a obtenção de algum tipo de favorecimento, sobretudo por popularidade), além da realização das fofocas e boatos distorcidos que favorecem a manipulação da vida social de algum colega.

Para citar um exemplo – neste caso de como a mídia apresenta o *bullying* –, o seriado de TV intitulado *Thirteen Reasons Why*¹, criado por Brian Yorkey², segue a vida e as decisões do adolescente Clay Jensen que recebe uma caixa com treze fitas cassetes, gravadas por sua colega, Hannah Baker, que contam os motivos para a garota ter se suicidado. No seriado são expressos os três tipos de *bullying*. Nota-se evidente que o terceiro tipo é combinado com o segundo e são estes os mais frequentes, uma vez que ao excluir a garota do convívio de praticamente todos os seus colegas e espalharem-se boatos a respeito, não apenas da sexualidade da jovem, mas também da sua vida sexual e afetiva, é criada uma imagem completamente distorcida da pessoa que ela é. Neste caso, não suportando toda a pressão, e não sabendo como ou a quem pedir ajuda, a garota decide terminar a sua vida.

O exemplo anterior ilustra perfeitamente o efeito do *bullying* na autoestima das vítimas, que, em geral, acabam por ter a sua estima fragilizada, não sabendo a quem recorrer ajuda e, na maioria dos casos, os estudantes sofrem as agressões calados. O *bullying* que se caracteriza como tipo verbal tem maior impacto nisto e, normalmente, não é percebido com tanta facilidade pelo corpo docente da escola, uma vez que a agressão se faz mais presente entre o grupo de colegas (BANDEIRA, 2012). Simultaneamente às agressões, muitas vezes disfarçadas de brincadeira, os jovens em idade escolar estão enfrentando um processo de mudanças, estas que dizem respeito à puberdade, que é quando eles entram na adolescência e se deparam com muitas questões, uma das quais diz respeito ao primeiro amor.

Tanto o *bullying* quanto a relação romântica entre adolescentes é representada na literatura de diversas maneiras. Apenas a título de exemplo, obras como, *Precisamos falar sobre Kevin* (2003), *Quem é Você Alaska?* (2005), *Ponte para Terabítia* (2006), *As Vantagens de Ser Invisível* (2007), *Os 13 Porquês* (2009), *A Lista Negra* (2012), *Extraordinário* (2013), *Fale!* (2013), *Minha Metade Silenciosa* (2014), *Jogo Duro* (2015), *Por Lugares Incríveis* (2015), *Um Milhão de Finais Felizes* (2018) são algumas das obras que abordam esta temática sob olhares

¹ Adaptado da obra que leva o mesmo nome, escrita por Jay Asher e publicada originalmente no ano de 2007 pela editora Razorbill. (<https://www.skoob.com.br/thirteen-reasons-why-45066ed49384.html>). Acesso em: set, 2018.

² Informações provenientes do site IMDb. (<https://www.imdb.com/title/tt1837492/>). Acesso em: set, 2018.

diversos: o jovem com passado conturbado que acaba realizando um massacre na escola, o menino que muda de escola em busca da resposta a uma questão proposta por um determinado autor e acaba apaixonando-se por sua colega de classe, o menino estranho que tem de lidar com a morte de sua amiga, o menino que sofre *bullying* por portar uma doença desconhecida que o deixou com o rosto deformado, o jovem que descobre o amor, entre outros. A questão do *bullying* e do romance encontra-se diluída nas obras que, apesar de serem caracterizadas como Literatura Infantojuvenil, conquistam pessoas de diversas faixas etárias, sobretudo aquelas jovens adultas leitoras.

2.2 LITERATURA INFANTOJUVENIL

Sendo diferente da literatura que divertia adultos, marcada, essencialmente, por amores (relações afetivas e sexuais), desejos perpetuados ou não, conflitos da vida adulta, a literatura infantil, estabeleceu, inicialmente, por principal finalidade educar as crianças, isto é, transmitir valores morais para os pequenos. É por esse motivo que cada fábula/contos de fada (normalmente sempre eram histórias de faz de conta) apresentava uma lição de moral em seu desfecho (GREGORIN FILHO, 2007). Percebe-se, ainda, que historicamente, a literatura infantil/juvenil era voltada para a transmissão de conteúdos culturais com objetivo de escolarizar os jovens das províncias (GREGORIN FILHO, 2011), desse modo, havia a forte presença do maniqueísmo tradicional de certo e errado nas narrativas.

Essa literatura se diferencia por ser voltada para um público alvo diferente, no caso as crianças, e, dessa forma, para fazer com que as histórias pareçam reais, utiliza de artifícios como: uma linguagem aproximada à realidade da criança e o uso de imagens/ilustrações atreladas ao texto narrado (muitas vezes o visual se sobressaindo em relação ao verbal) (GREGORIN FILHO, 2007). Além disso, muitos são os benefícios da prática de leitura desse tipo de literatura, por parte dos pequenos, pois,

a literatura infantil favorece o desenvolvimento integral da criança e o contato com o simbólico instiga o imaginário, estimula o intelecto e a formulação de hipóteses, o qual permite vivenciar emoções, descobertas, aprimora a escuta, a habilidade de se expressar e conviver com o outro [...] desenvolve na criança o senso crítico, autonomia, um bom relacionamento com a família no incentivo a leitura para com seus filhos (BATISTA, 2016, p. 14).

Levando em consideração os efeitos que a literatura infantil tem nas crianças, não é impossível aplicar o mesmo aos jovens. Isto porque, com o desenvolvimento da leitura, ocorre

uma maturação no senso crítico, levando o jovem a procurar leituras mais aprofundadas e, com exceção do gênero HQ (história em quadrinhos), que contenham menos ilustrações e mais diálogos, mais texto escrito. Sobretudo as descrições na literatura juvenil incentivam o jovem a desenvolver ainda mais a sua imaginação, uma vez que este cria e recria o espaço na leitura literária de acordo com as suas experiências. Um dos pontos que se pode destacar, que contribui para isso, é a forma como as personagens são apresentadas na obra.

Uma das especificidades das personagens é parecer semelhante à realidade (BRAIT, 1987). Por este motivo, quando o jovem se depara com uma história em que a personagem expressa pensamentos, preocupações, dúvidas, desejos, medos, anseios, ou seja, é bem fundamentada psicologicamente, a narrativa o cativa, o faz querer ir mais a fundo. A literatura juvenil tem essa preocupação mais acentuada, isto porque, conforme explica Gregorin Filho (2011), a literatura, para ser melhor usufruída, considera o desenvolvimento do leitor (desde a infância à adolescência, por exemplo), efetivamente, seu público alvo. Logo, para o autor, de acordo com as pesquisas de Coelho (2000 *apud* GREGORIN FILHO, 2011) existem cinco tipos de leitores:

- a) O pré-leitor, que não tem desenvolvida a competência de decodificar o texto verbal, fazendo maior uso do texto não verbal, isto é, de imagens e sons. Aqui se aplica bastante a contação de histórias para crianças em idade pré-escolar, com rodas de leitura;
- b) O leitor iniciante, que já possui certo domínio da capacidade de leitura de um texto, porém o que predomina ainda são as imagens nos livros, sendo estas a “palavra final” no que diz respeito ao entendimento da leitura;
- c) O leitor em processo, recebe auxílio de um adulto na leitura para compreender de maneira efetiva a obra, mas já mostra desenvolvida a competência da leitura e formulação de um pensamento lógico;
- d) O leitor fluente, tem a capacidade de leitura e entendimento de uma obra plenamente consolidada, uma vez que consegue compreender melhor, e sem auxílio direto, o universo contido na obra com a leitura;
- e) O leitor crítico, alcança o último estágio de desenvolvimento, sendo capaz de compreender uma obra sozinho e estabelecer relações entre o mundo ficcional e o mundo real, formulando um pensamento reflexivo e crítico.

Podemos compreender esses estágios relacionados ao desenvolvimento da criança até a fase adulta, desde que essa tenha contato com a leitura em todos os estágios de desenvolvimento. Sendo assim, as três primeiras etapas de desenvolvimento (pré-leitor, iniciante e em processo) fazem uso de uma literatura mais direcionada, logo a literatura infantil, com maior uso de imagens, enquanto que os últimos dois estágios (fluente e crítico), tendo em vista que apresentam maior detalhamento e aprofundamento na construção não apenas do enredo, mas do espaço e das personagens em relação ao tempo da narrativa, se caracterizam por fazer maior uso da literatura juvenil.

Sendo o adolescente um leitor crítico, ele agora compreende não apenas o universo que está contido na leitura de obras caracterizadas como literatura juvenil, mas, também, literatura adulta, que aborde conceitos mais aprofundados e temas que envolvam maior pensamento crítico (GREGORIN FILHO, 2011). Esse estágio acompanha-o até a vida adulta. Turchi (2016) explica que a produção de uma literatura voltada para esse tipo de público não é algo excepcionalmente novo. A literatura juvenil contemporânea se apresenta como uma espécie de romance de aprendizagem, no qual os jovens, experienciam a vivência de temas polêmicos relacionados ao seu amadurecimento físico, psíquico e emocional. Esta escolha de temas confirma a afirmação de Antonio Candido (2006), que disserta sobre a influência do social na escrita literária, logo, a literatura também tem uma função social, ainda mais quando é direcionada para um público em específico.

Com isso em vista, a obra que utilizamos como corpus para o nosso estudo é considerada leitura infantil/juvenil, pois, apesar de não fazer mais uso de imagens relacionadas ao texto, possui uma linguagem de fácil entendimento, inclusive para o leitor pré-adolescente. Além de se caracterizar por apresentar as questões já evidenciadas anteriormente: o *bullying* no ambiente escolar e a relação estabelecida entre ele e o ambiente familiar e o primeiro amor na adolescência.

2.3 A DESCOBERTA DO AMOR

Com a chegada da puberdade, o sujeito deixa de ser criança e passa a se tornar um adulto. A adolescência, nesse sentido, é representada como o período de transição entre a infância e a vida adulta (COSTA, 2012). Também conhecida como o processo de amadurecer, envolve mudanças que são universais e vão desde as características físicas à maneira de manifestar seus comportamentos e sentimentos. Costa (2012) vai afirmar que, no que tange às

questões de ordem psicossocial, o processo de “adolescer” varia de acordo com a cultura, processo de socialização e interação social, sendo difícil precisar um padrão de comportamento universal nos adolescentes.

Ao entrar na puberdade, o jovem começa a apresentar mais acentuadamente características físicas que o preparam para desempenhar, biologicamente, a função reprodutiva (COSTA, 2012). Neste sentido, a sexualidade desempenha um papel importante para esse processo de maturação. Ela ainda há como um elemento estruturador da identidade do jovem (OSÓRIO, 1992 *apud* CANO, 2000), isto porque, com a acentuação das características³, a desproporcionalidade do seu corpo em processo de amadurecimento se evidencia e, conseqüentemente, o adolescente procura conhecer a si próprio, ao seu corpo. Desde a infância, os pais vão diferenciando e definindo um gênero específico a que os filhos devem seguir (menino ou menina), através de roupas, brinquedos, etc. No entanto, ainda que haja esse direcionamento, é com a integração com a sua genitalidade que o adolescente terá domínio de sua conduta e aspirações (KNOBEL, 1992 *apud* CANO, 2000).

Com o avanço da modernidade, os adolescentes, cada vez mais, têm acesso às informações de que necessita sem que procure os pais ou professores ou algum adulto de confiança. Estes últimos grupos, no entanto, por tabu ou não, normalmente apresentam dificuldade em abordar a temática da sexualidade e o que ela envolve (gravidez, contracepção, DST/AIDS, masturbação, homossexualidade, bissexualidade, assexualidade, etc), não fornecendo, assim, uma fonte confiável de informações (CANO, 2000). Quando esse canal de comunicação não é bem estabelecido tanto pelos adultos que cercam o adolescente, quanto por vergonha do próprio jovem, ele acaba por fazer pesquisas em outras fontes pouco ou nada confiáveis, além de extravasar suas dúvidas, reclamações, pensamentos, anseios e medos em outros meios, sobretudo nas redes sociais ou com a produção de *blogs* pessoais (LIMA, 2011).

No meio dessa experiencição da própria sexualidade em um contexto que propicia a gozação pelos colegas, que, até então, são considerados como conselheiros e/ou confidentes, quando do mesmo grupo de amigos, ainda coexistem as primeiras experiências amorosas relacionadas ao “ficar” com uma ou outra pessoa. Esse ficar se caracteriza como uma relação amorosa passageira, normalmente pautada em interesses sexuais, seja para cumprir a sua função de beijar, seja para consumir o ato sexual:

³ Nos meninos, destaca-se o crescimento dos pelos, sobretudo barba, enquanto que nas meninas, o crescimento dos seios, mas mais importante, as primeiras menstruações (JUSTO, 2005).

designa um relacionamento episódico e ocasional, na maioria das vezes com a duração de apenas algumas horas ao longo de uma noite de festa e diversão. A prática mais comum envolve beijos, abraços e carinhos. Outra característica importante é que o “ficar” não implica compromissos futuros e é visto como um relacionamento passageiro, fortuito, superficial, sem maiores consequências ou envolvimento profundos (JUSTO, 2005, p. 71).

As relações amorosas, na modernidade, tendem a ser mais fluidas (BAUMAN, 1998), especialmente com o avanço dos meios de comunicação. Em uma situação hipotética, um garoto que desejasse se comunicar com a menina por quem nutria certo desejo afetivo deveria deprender tempo para escrever uma carta para ela e/ou solicitar aos pais da moça que pudessem fazer um passeio acompanhado, geralmente pelos irmãos mais jovens quando não os pais. Na atualidade, basta apenas ter o número da jovem, ou uma das suas redes sociais. Com rápidas conversas, e existindo atração mútua, não tarda para que combinem algum momento em que possam, no mínimo, se beijar, quando não às escondidas, encobertos pelos colegas. José Justo (2005) vai afirmar que, o lugar daquele amor mais abnegado, que prezava ao romance, é tomado por um amor de característica mais plástica, logo, um amor confluyente. Isto é, que dura enquanto ambas as partes estiverem em um estado de co-satisfação e, acabado esse estado, ocorre o que se chama de rompimento/término.

Percebe-se, portanto, que a perspectiva de amor, baseada na solidificação de um compromisso que transcenda o desejo carnal, não é mais tão usual aos jovens adolescentes. Ao invés disso, nesse caso, relações breves, pautadas na realização de desejos efêmeros, são as mais comuns e podem, em geral, tanto ter a finalidade de realizar a vontade de um ou outro – um passatempo/diversão – (beijar/trocar carinhos) quanto objetivar o “conhecimento do outro” no que diz respeito à questão sentimental, isto é, para conhecer determinadas particularidades sentimentais da outra pessoa a fim de, talvez, iniciar ou não um namoro. Neste segundo caso, as “ficadas” geralmente tendem a acabar quando um dos parceiros se sente apaixonado e evidencia isso, claramente indo de encontro aos “termos” do ficar (não exclusividade e “ausência” de sentimento) (JUSTO, 2005), cabendo a um deles, lidar com a rejeição. É quando o adolescente sofre um amor não correspondido. É interessante notar que, aqui, o primeiro amor, pode se manifestar como uma paixão por algum “ficante”. Não necessariamente ele consolida, mas essas primeiras experiências de “ficar” atreladas às decepções que ocorrem em decorrer delas, favorecem a definição do que é amor para o adolescente.

Falar sobre a correspondência e a consolidação de um compromisso em relação ao sentimento do amor na adolescência, comprova as pesquisas de Erickson (1987 *apud* AZEVEDO, 2006). O autor busca explicar em outros termos que a plasticidade do sentimento

de amor romântico na modernidade, conceituada por Bauman (1998), se baseia no fato de que o jovem ainda está constituindo sua identidade, logo, levando em conta que o amor é uma projeção de si no outro, ele não pode amar de forma vinculatória, ainda, pois não tem uma identidade bem fundamentada, ou seja, não possui uma autoimagem firme. No entanto, essas primeiras relações mais fluidas, embora não possibilitem a vinculação de um laço afetivo entre um e outro jovem, contribuem para a consolidação da autoimagem de si, uma vez que “através do outro, e desse amor ao outro, o amante se reconhece como sujeito, como ser existente” (AZEVEDO, 2006, p. 35), pensando um namoro como uma projeção para o futuro, quando o jovem sabe quem é e tem bem definido o que quer.

Nesse caso, o primeiro amor pode ser entendido como, primeiro um sentimento de atração e desejo sexual, e, em seguida, havendo namoro, essa significação ganha uma dimensão maior, pois demanda que o envolvimento, e, por consequência, a intimidade, sejam maiores, representando a criação de uma fantasia e do desejo do amante, que ama, na verdade, um ideal que ele mesmo construiu e identifica com a pessoa amada (AZEVEDO, 2006). Nesse sentido, as relações amorosas que iniciam enquanto o adolescente tem sua identidade em construção, costumam, segundo Rappaport (1996 *apud* AZEVEDO, 2006), trazer mais angústia que prazer. Pensando esse período em que o adolescente enfrenta pressões advindas dos seus próprios colegas para ser ou agir de determinada maneira (um dos resultados do *bullying*) e simultâneo à descoberta das primeiras experiências sexuais e afetivas, seja com o sexo oposto, seja com o mesmo sexo, vamos observar a partir de então, como essa relação é apresentada na literatura, mais especificamente, no corpus de trabalho escolhido: a obra *Eleanor & Park*, de Rainbow Rowell (2013).

3 SEGUNDA SESSÃO – *ELEANOR & PARK*, POR RAINBOW ROWELL

Inserida no universo da escola, *Eleanor & Park* retrata o momento em que dois adolescentes começam a desenvolver uma relação afetiva entre si, a partir de um primeiro encontro (no ônibus escolar), e como ambos lidam com a questão do *bullying* praticado pelos colegas de escola. Neste capítulo vamos compreender melhor a trama em si, bem como sobre a autora e que aspectos da obra contribuem para que seja direcionada para o público jovem.

3.1 RAINBOW ROWELL

Autora de alguns livros de sucesso entre o público jovem, Rainbow Rowell (figura 1) é ex-colunista de um jornal e atual redatora de uma empresa de design⁴ em Omaha, no estado



Figura 1 - Rainbow Rowell
(imagem retirada do site da autora).

americano do Nebraska, onde mora com seu marido e dois filhos⁵. Em breve descrição no seu site, ela escreve sobre jovens e adultos, sendo estes, pessoas que falam e sentem demais, pessoas que se apaixonam e pessoas com pensamentos depressivos acerca de sua autoimagem, isto é, que tendem a achar que atrapalham em tudo e/ou não se sentem dignas de receberem algo ou serem tratadas de uma maneira carinhosa ou que demonstre certa afeição (geralmente quando estas pessoas são notadas por outros).

Ao todo, ela possui cinco obras publicadas, além de escrever quadrinhos. Duas delas são voltadas para o público adulto, enquanto que as outras três dão mais atenção aos jovens. O seu primeiro livro publicado foi *Attachments* (2011) – *Anexos*, em publicação traduzida para o português –, que em conjunto com *Landline* (2014) – *Ligações* –, compõem as duas obras que são caracterizadas como romance adulto. Sendo a primeira uma comédia romântica onde um rapaz, cujo trabalho é monitorar e-mails, acaba se apaixonando por uma garota, porém o único

⁴ Fonte: <<http://bookpage.com/interviews/8912-rainbow-rowell#.W4AYWuhKi1t>>. Acesso em: out, 2018.

⁵ Fonte: <<https://rainbow-rowell-0nc4.squarespace.com/about/>>. Acesso em: out, 2018.

problema entre eles é que ele já leu todos os e-mails da moça, enquanto que a segunda obra vem tratar sobre o relacionamento de um casal cujo casamento está estagnado há um bom tempo e o marido, devido a uma desculpa da esposa sobre uma proposta de trabalho irrecusável, sai para uma viagem com os filhos e a deixa sozinha em casa, no meio desses acontecimentos, eles descobrem um meio de, talvez, consertarem o seu casamento.

Os romances de maior visibilidade são *Eleanor & Park* e *Fangirl* (ambos publicados em 2013), aquele narra a história de dois jovens que se apaixonam enquanto que o segundo narra a história de uma garota louca por *fanfiction* e sua irmã gêmea, ambas ingressando em uma faculdade. Ao descobrir que sua irmã gêmea quer deixar a *fanfiction* de lado para focar em aproveitar a universidade, ela se sente sozinha e tem de lidar com questões amorosas relacionadas à sua colega de quarto e ao namorado dela. Por último, *Carry On* (2015), que encerra, até o momento, a lista de livros de literatura infantojuvenil, narrando a história de um garoto com poderes sobrenaturais que estuda em uma escola de magia.

Quando perguntada, em entrevista para o site Goodreads⁶, no ano de 2013, Rowell afirmou⁷ que era uma garota estranha que vivia com a cara nos livros e que escrevia para chamar a atenção dos professores. Nunca pensava em escrever um livro, até segurar o seu próprio livro impresso nas mãos. Para ela, “it was incredibly surreal to hold my first novel in my hands for the first time. Just the physical existence of it. A book. With my name on it⁸.” A partir de então, ela assumiu para si o risco de escrever como romancista. A escritora chegou até a participar da edição do NaNoWriMo⁹ (National Novel Writing Month) de 2012, sendo uma dentre os muitos vencedores e tendo seu livro publicado no ano seguinte pela editora St. Martin’s Griffin. A obra em questão se trata de *Fangirl*.

⁶ Criado em 2007 com a finalidade de reunir leitores e proporcionar um espaço para discussão sobre diversas obras literárias, fornecendo recomendações literárias e criando um canal de comunicação também com os próprios autores.

⁷ Fonte: <https://www.goodreads.com/interviews/show/916.Rainbow_Rowell>. Acesso em: out, 2018.

⁸ “Foi incrivelmente surreal segurar meu primeiro romance nas mãos pela primeira vez. Apenas a existência física dele. Um livro. Com meu nome nele.” Em tradução livre.

⁹ É uma organização sem fins lucrativos que proporciona a estrutura, comunidade e encorajamento necessários para qualquer pessoa que sonha em escrever um livro possa ter o apoio para fazê-lo. Funciona como uma espécie de competição em que os participantes, no mês de novembro, têm de tentar escrever o seu romance, com no mínimo 50.000 palavras. Alcançado o objetivo entre 1 e 30 de novembro, o participante vence a edição do desafio. É importante lembrar que não há apenas um vencedor e o prêmio vem através do reconhecimento e da satisfação de finalizar um romance.

3.2 BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE ELEANOR & PARK

Eleanor & Park é uma obra de literatura infanto-juvenil, publicada no ano de 2013 pela editora norte-americana St. Martin's Griffin. No Brasil, teve os direitos de edição comprados pela Editora Novo Século, que a traduziu e publicou ainda no mesmo ano. A obra foi bastante aclamada pelo público leitor, chegando até mesmo a ganhar prêmios como o Goodreads Choice Awards 2013¹⁰, na categoria "Best Young Adult Fiction" (Melhor Ficção Infantojuvenil) e o The Boston Globe-Horn Book Awards 2013¹¹, na categoria "Fiction Reviews 2013" (Resenhas de Ficção de 2013). Fazendo parte, ainda, de listas de "melhores livros de ficção para jovens leitores", no ano de 2014.

Um exemplo desses é a lista organizada pela Associação de Livrarias Americanas (ALA), publicada no referido ano, na qual *Eleanor & Park* aparece na quinta colocação¹². Trata-se de uma obra de Literatura infanto-juvenil que consegue compreender os leitores em processo (GREGORIN FILHO, 2011) – que conseguem apreender da obra as discussões mais bem explícitas, *bullying* e o amor de duas pessoas completamente diferentes – e os leitores fluentes e críticos (GREGORIN FILHO, 2011) – que não apenas identificam tais questões, como conseguem fazer uma leitura mais profunda, considerando pontos que estão intrínsecos à obra, como as diferenças sociais relacionadas aos colegas dos dois jovens, aos dois jovens, às suas famílias, entre outros.

A capa da obra (figura 2) em língua portuguesa traz, logo na orelha do livro, o seguinte resumo:

Eleanor & Park é engraçado, triste, sarcástico, sincero e, acima de tudo, geek. Os personagens que dão título ao livro são dois jovens vizinhos de dezesseis anos. Park, descendente de coreanos e apaixonado por música e quadrinhos, não chega exatamente a ser popular, mas consegue não ser incomodado pelos

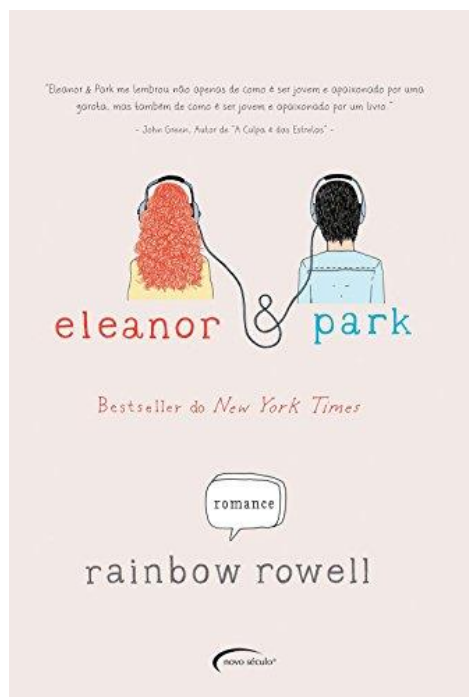


Figura 2 - Capa do livro

¹⁰ Fonte: <<https://www.goodreads.com/choiceawards/best-young-adult-fiction-books-2013>> Acesso em: nov, 2018.

¹¹ Fonte: <<http://www.hbook.com/2013/06/news/boston-globe-horn-book-awards/fiction-reviews-of-2013-boston-globe-horn-book-award-winner-and-honor-books/>> Acesso em: nov, 2018.

¹² Fonte: <<http://www.ala.org/yalsa/2014-top-ten-best-fiction-young-adults>> Acesso em: nov, 2018.

colegas de escola. Eleanor, ruiva, sempre vestida com roupas estranhas e “grande” (ela pensa em si própria como gorda), é a filha mais velha de uma problemática família. Os dois se encontram no ônibus escolar todos os dias. Apesar de uma certa relutância no início, começam a conversar, enquanto dividem os quadrinhos de X-Men e Watchmen. E nem a tiração de sarro dos amigos e a desaprovação da família impede que Eleanor e Park se apaixonem, ao som de The Cure e Smiths. Esta é uma história sobre o primeiro amor, sobre como ele é invariavelmente intenso e quase sempre fadado a quebrar corações. Um amor que faz você se sentir desesperado e esperançoso ao mesmo tempo. (ROWELL, 2013, orelha)

A história dos jovens ocorre no ano de 1986. Park, é metade coreano, sua mãe é coreana e o pai é um ex-soldado, e adora escutar punk e ler gibis. O garoto tenta passar despercebido pelos outros colegas como forma para se esquivar de alguma gozação. Em geral ele consegue não ser notado, explicando, mais tarde na obra, que um dos motivos pelo qual é tão fácil para ele não ser alvo de gozação, era porque havia namorado Tina, sua colega e também a garota mais popular da turma, na sétima série. Tudo começa a mudar quando ele conhece Eleanor



Figura 3 - Eleanor e Park, ilustração retirada da internet

(figura 3), a novata. Gordinha, ruiva de cabelos desgrenhados, repleta de sardinhas e usando roupas masculinas maiores do que o seu tamanho, a garota atraía olhares dos colegas, ainda que tentasse ser invisível.

Por seu porte, ela atraía olhares dos colegas e acabava sendo alvo de brincadeiras de mal gosto. Não se apresenta quem eram os autores dessas brincadeiras, mas o modo como o enredo se desenvolve deixa subentendido, inicialmente, que grande parte das agressões são praticadas por Tina e seus colegas.

Eleanor conhece Park no ônibus escolar na volta para a casa. Ela tenta encontrar um lugar para sentar-se mas acaba sendo empurrada por outras crianças. Park, vendo toda a situação, ordena que ela se sente: “– Sente-se aí – disse, num tom agressivo. A menina ficou parada, olhando, como se não soubesse se era outra gozação ou algo assim. – Caramba – Park continuou, baixinho, acenando com a cabeça para o espaço ao lado dele –, é só sentar.” (ROWELL, 2013, p. 13). Este primeiro contato abre espaço para que uma amizade possa se desenvolver e, assim, um amor florescer. Eleanor passa a se sentar sempre ao lado de Park, que,

mantém-se calado todo o trajeto até sua casa. No entanto, esta situação acaba mudando quando ele percebe que ela sempre acompanhava a leitura que ele fazia dos gibis no caminho de ida e volta da escola.

Conversas iniciadas, ambos vão descobrindo, aos poucos os gostos um do outro, nos breves momentos em que trocavam uma ou outra palavra no ônibus. Em geral, a comunicação era bastante limitada: Park deixava no assento ao seu lado uma pilha de gibis e/ou uma fita de alguma banda que gostava, “Quando Park entrou no ônibus, deixou os gibis e a fita dos Smiths ao seu lado, para que ficassem ali, esperando por ela. Para que ele não tivesse que dizer nada.” (ROWELL, 2013, p. 54). A relação dos dois começa a se aprofundar quando começam a passar o trajeto no ônibus de mãos dadas.

Pode-se afirmar que neste momento ambos os jovens estão entrando em um estado de co-satisfação (JUSTO, 2005), em que o simples toque já causa um efeito enorme de satisfação neles. Até que aconteça o primeiro beijo, esta relação já está firme como se fosse um namoro, rompendo, assim, as amarras do ficar (JUSTO, 2005). Isto acontece de tal forma que a relação dos jovens não se caracteriza essencialmente mais na fluidez com que as relações modernas acontecem, é o caso de Mikey (colega de Eleanor, Park e Tina) e uma das meninas que vão no ônibus: “A garagem já cheirava como se milhares de baseados tivessem sido fumados ali, apagados, em seguida, em milhares de latas de cerveja. O Camaro chacoalhava de leve; Steve deu um chute na porta. – Calma aí, Mikey; você vai derrubar o carro.” (ROWELL, 2013, p. 286). As jovens personagens, imagina-se que na idade de 15 anos, já tiveram uma iniciação na vida sexual, conhecendo seus próprios corpos e outros alheios também.

A respeito disso, Park apenas gosta de estar com Eleanor, da companhia e do beijo dela, como expresso no trecho:

Park levantou-se quando ela chegou ao banco deles e, assim que se sentou, ele tomou a mão dela e a beijou. Aconteceu tão rápido que ela nem teve tempo de morrer de êxtase ou de vergonha.

Ela apenas deitou o rosto, por alguns segundos, sobre o ombro dele, sobre a manga de seu casaco preto. Ele segurou a mão dela.

– Tava com saudade – Park sussurrou. Ela sentiu lágrimas lhe surgirem nos seus olhos e virou-se para a janela. (ROWELL, 2013, p. 83)

No trecho em questão, Park afirma gostar das segundas-feiras, porque são os dias em que reencontra Eleanor. Mas um episódio específico, faz com que ele aumente o seu desejo pela garota. Ao vê-la no uniforme escolar, ele volta para casa sem parar de pensar nela. A garota,

em um episódio não incomum de sua vida escolar, mais uma brincadeira de extremo mau gosto, tem descrito o uniforme de educação física e sua relação com ele:

Não era só o uniforme que era feio. (Lembre-se, poliéster. Peça única. Faixas vermelhas e brancas, mais um zíper branco comprido.)
Era *extremamente* apertado.
Os shorts mal cobriam sua roupa de baixo, e o tecido era tão esticado sobre os seios que as costuras estavam começando a rasgar embaixo das axilas.
Era uma verdadeira monstruosidade naquele uniforme. Um desastre.
(ROWELL, 2013, p. 242, grifo da autora)

Tal descrição realça o fato de a garota estar acima do peso e não caber direito no uniforme de educação física e, por isto, não sentir-se bem ao vesti-lo. O fato em questão, chama atenção para a prática de bullying do tipo direto e físico além da ameaça indireta (SENRA, 2011), em que as colegas de Eleanor roubam suas roupas, que estavam no armário da garota, e as jogam na privada:

Eleanor recomeçou, abrindo todos os armários da parede, depois checkou sua mochila, passou em seguida para a parede oposta, tentando não entrar em pânico. Talvez só tivessem mudado as roupas dela de lugar. Ah. Engraçado. Ótima piada, Tina.
[...] A professora começou a abrir armário do outro lado do cômodo. Eleanor checkou a lata de lixo e os chuveiros. Depois, a Sra. Burt a chamou do banheiro.
– Achei!
[...] A garota olhou dentro do vaso. Ainda que soubesse o que veria, a sensação, quando confirmou foi como um tapa na cara. As calças novas e a camisa de caubói, misturadas numa pilha negra dentro do vaso, e os sapatos enfiados sob a tábua. Alguém dera a descarga, um pouco de água ainda derramava do topo. Eleanor observou a água correr. (ROWELL, 2013, p. 241).

Sempre ameaçada por seu tamanho, por não ser popular e, mais ainda, por ser diferente, Eleanor passa por situações como esta quase que diariamente no contexto escolar. Logo, caracterizando uma prática que já é um “hábito”, de tal forma que o *bullying* define isto, essa forma de violência, que no caso da garota, é psicológica (PICADO, 2009) e tende por humilhar e intimidar o outro que não faz parte do seu meio. Este foi apenas um evento isolado, no decorrer do livro, o enredo nos mostra ainda outros episódios, um deles, trata dos livros de Eleanor sempre aparecerem todos rabiscados e cheios de mensagens de cunho pejorativo, as quais fazem com que Park, ao vê-las, fique extremamente preocupado com a garota, por estar recebendo intimidações verbais, por escrito. Sem mencionar o momento em que, voltando da aula de educação física, as colegas de Eleanor, motivadas por Tina,

estavam paradas no fim do corredor de Eleanor, esperando que ela passasse por ali e fosse até o armário.

Estava coberto de absorventes. Uma caixa inteira, pelo visto.

Inicialmente, Eleanor chegou a pensar que os absorventes estivessem, de fato, sujos de sangue, mas, quando se aproximou, percebeu que era apenas canetinha vermelha. Alguém escrevera “Cabeçorvente” e “Ruivona” em alguns dos absorventes, mas, eram do tipo mais caro, por isso a tinta já começava a ser absorvida.

Se as roupas dela não estivessem dentro daquele armário, se ela estivesse usando qualquer coisa que não o uniforme de Educação Física, teria simplesmente dado meia-volta e ido embora.

Em vez disso, passou pelas meninas, com o queixo o mais elevado que conseguiu, e removeu metodicamente cada um dos absorventes do armário. Havia até alguns lá dentro, grudados nas roupas.

Eleanor chorou um pouquinho, não pôde evitar, mas ficou de costas para todas, para não entregar o show. (ROWELL, 2013, p. 57-58)

Todos esses episódios somados, contribuem para que a garota mantenha uma visão negativa de si, “Vai saber do que tinha saudade... Da gordura. Da esquisitice. Do fato de que ela não conseguia falar com ele como uma pessoa normal. Enfim, qualquer que fosse a perversão que o fazia gostar dela, o problema era dele” (ROWELL, 2013, p. 88), enxergando-se como insuficiente e ruim demais para que alguém goste dela, sendo isso, até mesmo, uma perversão. O próprio Park, para livrar-se de ser alvo de *bullying*, antes de conhecer Eleanor, achava melhor que ela fosse a pessoa que sofresse com as intimidações,

Tinha o suficiente para evitar confusão. E, apesar de saber que isso era tosco, sentia-se meio grato por gente como essa menina existir. Afinal, pessoas como Steve e Mickey e Tina também existiam e precisavam ser alimentadas. Se não fosse a ruivinha, seria outra pessoa. E, se não fosse outra pessoa, seria o Park. (ROWELL, 2013, p. 18)

Essa visão de Park reafirma o status de Steve, Mickey e Tina como *bullies* (PICADO, 2009). No entanto, posteriormente, ela é reformulada, uma vez que ele a conhece, se identifica com os seus gostos e passa a sentir atração pela garota. Apesar de tudo isso, ela mantém uma postura de resistência às agressões sofridas. Mesmo intimidada, não se permite mostrar completamente o quão negativo é o impacto que estas têm sobre ela.

Há ainda que se mencionar que essa prática é quase que completamente negligenciada pelos professores da escola. A respeito do episódio do roubo das roupas, o único “apoio” que a professora de educação física dá a Eleanor é “Você precisa parar de deixar essas meninas te pegarem, sabe? – disse ela. – Você as encoraja.” (ROWELL, 2013, p. 241). De certa forma, o livro denuncia o modo como muitos professores encaram as agressões relacionadas ao *bullying*,

muitas vezes fechando os olhos a isso e considerando ser apenas uma brincadeira de mau gosto que não aponta para algo mais sério (TOMÁS, 2016). Em contrapartida, os jovens, na maioria das vezes, escondem tudo o que acontece do corpo docente da escola e dos pais, vivenciam as agressões sem que algum adulto saiba algo a respeito. Posteriormente, na obra, é representada também a relação que a garota tem com o padrasto, marcada por intimidações. A primeira, logo expressa no início da obra, conta que ele a expulsou de casa, tendo ela que morar na casa dos tios por um ano. Outra, quando ele descobre que ela está namorando:

Olhou para o pé da cama e piscou os olhos, até acostumar-se com o escuro.
 Páginas de gibi rasgadas.
 Pó.
 Pocinhas de sombra verde.
 Quilômetros de fita cassete.
 Os fones de ouvido, partidos ao meio, estavam pendurados na beirada da cama. A caixa de *grapefruit*, ao pé da cama, e Eleanor soube antes mesmo de alcançá-la que estaria leve feito ar. Vazia. A tampa estava rasgada quase ao meio, e alguém escrevera nela com uma canetinha preta – uma das canetinhas de Eleanor:
 “acha que pode me enganar? essa é a minha casa você acha que pode biscatear pelo bairro bem embaixo do meu nariz e eu não vou descobrir é isso que acha? eu sei o que é e acabou”
 Eleanor fitou a tampa e lutou para reunir as letras em palavras, mas não conseguia ir além do vômito usual de letras minúsculas.
 Em algum canto da casa, sua mãe chorava como se não fosse parar nunca mais. (ROWELL, 2013, p. 280, grifos da autora)

O ambiente familiar é completamente desfavorável ao desenvolvimento da menina. Aliado à prática de *bullying* na escola, faz a menina viver em estado de alerta e ver-se de maneira degradante, vergonhosa. Isso tem impacto direto na sua relação com Park, ela passa a sentir desconforto consigo mesma por estar diante de alguém a quem ela nota as diferenças, mas ainda assim, chama de “sol”.

No entanto, retomando o que foi explicitado anteriormente, Park, ao ver a menina de uniforme, teve o seu desejo maximizado, de modo que, essa imagem ativou um desejo, latente no menino:

A *sensação* foi como se nunca a tivesse visto na vida.
 Não que não tivesse pensado bastante nisso (e muito), em como Eleanor era por baixo das roupas. Mas jamais conseguira imaginar nenhum dos detalhes. As únicas mulheres que ele de fato imaginava nuas eram as das revistas que o pai às vezes se lembrava de esconder embaixo da cama.
 [...] Estava imaginando os detalhes. Imaginando como era o corpo dela. Não conseguia parar de imaginar. Como nunca percebera quão apertado era aquele uniforme da Educação Física? E tão curto...

E por que não imaginara que ela seria tão linda? Tanto contraste nos contornos?

Fechou os olhos e a visualizou mais uma vez. Um montinho de coraçõezinhos sardentos, uma casquinha de sorvete perfeitamente moldada. Como Betty Boop desenhada por uma mão pesada.

[...] Como poderia encará-la? Não conseguiria. Não sem despi-la daquele uniforme em sua mente. Sem pensar naquele zíper branco comprido.

Caramba. (ROWELL, 2013, p. 246-247, grifo da autora)

Logo, Park não parou de pensar na jovem, seu objeto de desejo, necessitando concretizar seu desejo. Até que, no dia seguinte, sua família foi ver uma exposição de barcos e ele decidiu ficar em casa para o caso de Eleanor visitá-lo. Na ocasião

Ele puxou os braços e passou a mão pela lateral do corpo dela, contra o sofá. Poderia passar o dia inteiro assim, passando a mão pelas costelas dela, depois pela cintura, depois pelas costelas e de volta... se tivesse o dia todo, ficaria. Se ela não fosse feita de tantos outros milagres.

[...] Ele puxou a blusa dela para cima e, então, sem pensar no porquê, puxou sua camiseta também e deitou a barriga nua contra a dela.

[...] Conforme começou a escurecer, Park ficou preocupado, pensando que os pais poderiam entrar em casa a qualquer minuto, que já deveriam ter voltado. E não queria que eles os encontrassem daquele jeito, Park com o joelho entre as pernas de Eleanor, a mão no quadril dela e a boca o mais baixo que alcançava no decote da blusa. (ROWELL, 2013, p. 252-254)

Na obra não se tem menção se foi consumado o ato sexual ou não, mas sabe-se que eles tiveram um contato mais íntimo, chegando a conhecer um pouco do corpo um do outro de modo que até mesmo Eleanor conseguiu satisfazer o seu desejo:

Coisas que ela descobrira, que não sabia duas horas antes:

– Park era coberto de pele. Por todo canto. E era tudo tão macio e cor de mel como a pele das mãos dele. Era mais grossa e robusta em alguns pontos, mais parecida com veludo amarrotado do que seda. Mas era tudo dele. E tudo maravilhoso.

– Ela também era coberta de pele. E a pele dela era, aparentemente, coberta de terminações nervosas superpoderosas que não haviam feito coisa alguma durante a sua vida toda, mas ganharam vida feito gelo e fogo e picadas de abelha assim que Park a tocou. Onde quer que ele a tivesse tocado.

– Mesmo com vergonha da barriga e das sardas e do fato de que seu sutiã era sustentado por dois alfinetes, ela queria que Park a tocasse muito mais do que sentia vergonha. E, quando ele a tocava, parecia não se importar com nada dessas coisas. De algumas ele até gostava. Como as sardas. Ele dizia que ela era salpicada de doçura.

– Ela queria que ele a tocasse em todo lugar.

– Ele parou na beirada do sutiã e somente mergulhou os dedos por dentro da calça dela, nas costas, mas não foi Eleanor quem o conteve. Não faria isso. Quando Park a tocava, a sensação era melhor do que qualquer coisa que ela já sentira na vida. Qualquer coisa. E ela queria sentir aquilo o máximo que podia. Queria um estoque da sensação.

– Nada era vulgar. Não com Park. (ROWELL, 2013, p. 253-254)

Para a menina, a experiência era muito mais sensorial. Nela, Eleanor pode conhecer a si mesma, através das “terminações nervosas” que ela nem mesmo sabia que existiam, proporcionando, não apenas a realização do seu desejo, como também a criação de uma autoimagem de si (AZEVEDO, 2006). Por isto a experiência, para a garota, ia além de apenas satisfazer o seu desejo, ela descobre-se também como mulher, que anseia ser tocada pelo rapaz o qual nutre sentimentos românticos.

Dessa forma, encontramos, na obra, marcadas de maneira significativa as relações do *bullying* com a autoestima do jovem, impactando diretamente na maneira como este se relaciona com outros de sua idade, seja em relação ao desenvolvimento de uma amizade, seja em relação ao conhecimento do amor. Não se pode dizer, que Eleanor não tinha amigos, apesar dos tratos a que era submetida na escola. Ela tinha duas amigas, DeNice e Beebi, que participavam das aulas de Educação Física com ela e almoçavam juntas. As garotas não ligavam para a aparência ou vestimenta de Eleanor, simplesmente eram suas amigas e ponto. Apesar de a obra indicar para a relação que seria criada entre os dois protagonistas, a personagem com problemas mais latentes (BRAIT, 1987) e mais bem explorados no enredo, foi Eleanor, que até mesmo tem de fugir, após as ameaças do padrasto quando este descobre o seu “segredo”. Esta obra, apesar de ser considerada literatura infanto-juvenil, logo, voltada para crianças e adolescentes, conquista leitores de diversas faixas etárias, que se reconhecem nela e se emocionam com os acontecimentos que são desenvolvidos no enredo. Além disso, conseguem fazer uma leitura mais crítica do livro, estabelecendo uma relação com o enredo e sua vida pessoal, sendo esta relação observada na próxima seção.

4 TERCEIRA SESSÃO – A RELAÇÃO OBRA vs LEITORES

Considerando a literatura infantil-juvenil e o impacto que ela causa no leitor, a saber, de favorecer a sua formação e instigar o desenvolvimento do imaginário (BATISTA, 2016), considera-se a relação que os leitores desenvolvem com a obra em questão. Para isso, foi utilizado fundamentalmente um questionário de entrevista enviado por e-mail para os leitores que marcaram o livro *Eleanor & Park* como “lido” na plataforma brasileira para leitores Skoob.

4.1 SKOOB E A COMUNIDADE DE LEITURA

O Skoob é uma rede social que tem por finalidade proporcionar um espaço de interação entre leitores. É o que Pierre Lévy (1999 apud VIANA NETO, 2010) chama de comunidade virtual, que nada mais é do que “os pontos de encontro, os potentes ambientes de socialização utilizados por grupos de indivíduos inseridos no ciberespaço e, por isso, repletos da aspiração por contato” (VIANA NETO, 2010, p. 3). Nesta rede social, o usuário, ao realizar o cadastro, pode criar sua biblioteca virtual e interagir com outros leitores, além de participar de sorteios de livros cortesia das editoras.

Criado o perfil, o usuário pode montar sua biblioteca virtual (figura 3) categorizando os livros nas seguintes opções: Lidos, Lendo, Quero ler, Relendo, Abandonei, Favoritos, Tenho, Desejados, Emprestados, Troco, Meta. Além de ser possível publicar pequenas resenhas dos livros lidos. Estas auxiliam outros leitores a escolher ler ou não uma obra. A plataforma ainda permite que os usuários podem enviar solicitações de amizade e seguir outros usuários e perfis, acompanhando o progresso de leitura e atualizações de perfis. É possível, com isso, discutir com outros leitores e sugerir obras que correspondam ao perfil de leitura dos usuários. Sem mencionar a funcionalidade “meta”, que permite criar uma meta de leitura para o ano em curso, adicionando ou excluindo livros da lista e medindo o progresso através de uma barra azul que mostra a porcentagem lida. Esta ainda traz dois benefícios: “Primeiro [...] possibilita ao usuário da rede comprometer-se com suas leituras, e segundo [...] esse leitor-usuário pode acompanhar seu próprio ritmo de leitura.” (FILHO, 2013, p. 3)

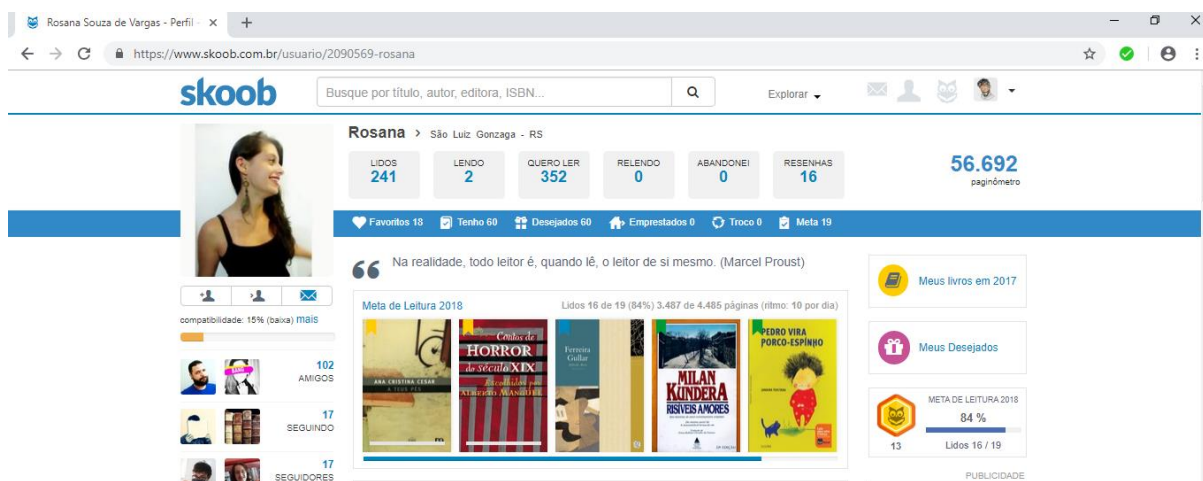


Figura 4 - Captura de tela de uma página de usuário no Skoob mostrando as principais funcionalidades da página

Para este trabalho, utilizou-se dessa rede como meio para chegar até os leitores da obra *Eleanor & Park*. Foi criado um questionário¹³ a partir de outra plataforma virtual, o Google Formulários, e enviado através de mensagem virtual para os leitores selecionados de acordo com a assiduidade na referida rede. Para estes ainda foi solicitado que divulgassem o formulário para outras pessoas que conhecessem, que tivessem lido a obra ou não. A utilização de um questionário mostrou ser de grande importância para a coleta de dados (PRESTES, 2014), de modo que se pode detalhar e organizar as respostas medindo, assim, através de questões bastante pontuais, a relação que os leitores estabelecem com a obra.

4.2 LEITORES, *BULLYING* E AMOR

Levando em consideração que a leitura é uma prática que transforma o texto lido em experiência vivida (JAUSS, 2003 apud CALADO, 2009), o questionário buscava extrair, dos leitores, essa experiência que se mantinha relacionada à leitura da obra. Ao todo foram obtidas 42 respostas no tempo em que o questionário estava aberto. Considerando que estava pré-configurado para aceitar apenas o limite de uma resposta por login (necessário fazer login pela conta do *google* antes de continuar), as 42 pessoas que responderam ao questionário virtual, nota-se, de acordo com o gráfico 1 que em sua maior parte são mulheres, entre 15 e 19 anos (gráfico 2), e estas passaram por situações em que consideram prática de *bullying*, além de mencionarem ter praticado em contrapartida. Além disso, 54,8% dos participantes afirmaram ter cursado o ensino regular em escolas da rede pública de ensino, ao passo que 45,2% afirmou ter estudado apenas em escolares particulares, sendo, de todos os que responderam ao

¹³ Ver anexos, página 43.

questionário, o número de 7,1% (3 pessoas) que não leu (leram) o livro.

Sexo

42 respostas

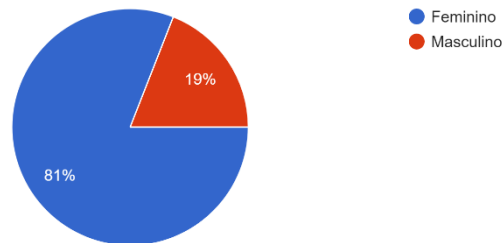
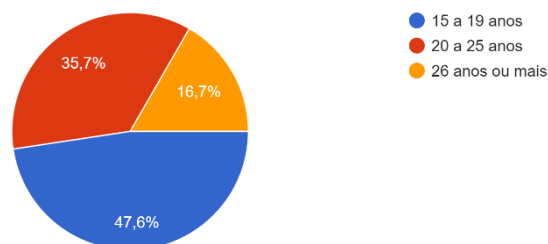


Gráfico 1 - Sexo dos participantes

Média de Idade

42 respostas



Compreendendo o *bullying* como uma prática discriminatória de indivíduos por outros

Gráfico 2 - Idade dos participantes

(TOMÁS, 2016), as respostas foram quase que unânimes em identificá-la como o exercício de humilhar e agredir o outro verbal ou fisicamente, em uma relação desigual de poder (PICADO, 2009), como podemos observar na tabela abaixo:

Quando uma pessoa ofende, ou agride, uma pessoa verbalmente, fisicamente e psicologicamente
Quando uma fala ou faz algo que ofenda ou denigra a imagem de outra pessoa
Bullying é qualquer forma de violência contra outro, seja verbal, física ou psicológica. Na maioria dos casos, acontece na escola.
Machucar alguém, ofensa.
Quando alguém é agredido fisicamente ou verbalmente por algo que a faz diferente das outras.
Perseguição
práticas que oprimam alguém física ou psicologicamente feitas por um grupo de pessoas (ou uma pessoa apenas mesmo) em vantagem no meio social por um período de tempo
Para mim o bullying é o abuso psicológico no âmbito escolar, quando características pessoais são usadas para humilhar a fim de provocar dor, submissão, enaltecendo as características "mais fortes" do abusador e subjulgando àquele que é abusado.
Violência física ou psicológica
Quando você ataca alguém de forma verbal e/ou física por ele ser diferente ou não estar dentro de um padrão

Em meu entendimento bullying é o ato de ofender, humilhar e agredir alguém seja fisicamente ou verbalmente.
Tornar alguém desconfortável seja por meio de "brincadeiras" ou comentários à respeito da sua aparência, sexualidade (o que também pode se caracterizar homofobia, transfobia e etc) estilo de vida e qualquer agressão seja ela física ou psicológica.

Tabela 1 - Algumas respostas à questão "O que você entende por Bullying?"

Em muitos casos, essa relação com a prática do *bullying* é associada estereotipação como meio de comparação social (BANDEIRA; HUTZ, 2012), de modo que “ofenda ou denigra a imagem de outra pessoa”, de acordo com uma resposta, revelando também um “preconceito disfarçado de implicância”. No entanto, percebe-se que, ainda que este assunto tenha ganhado atenção por parte de diversas áreas do conhecimento (TOMÁS, 2016), algumas pessoas ainda sentem dificuldade em falar sobre: uma das respostas a pergunta “O que você entende por *Bullying*?” foi “difícil essa questão”. Apesar de tal dificuldade, 40 das 42 pessoas que responderam ao questionário afirmaram sofrer ou conhecer alguém que tenha sofrido *bullying* segundo as suas definições do que seja essa prática (gráfico 3).

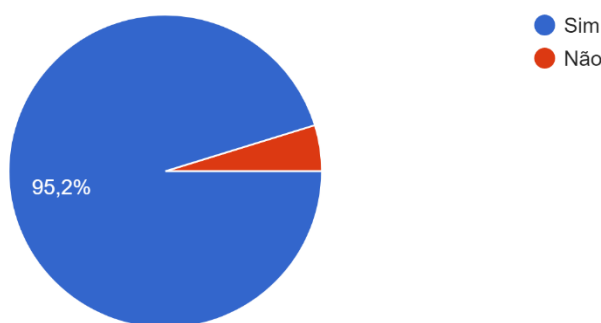


Gráfico 3 - Respostas à pergunta da pesquisa

Este número, apesar de alto, não é incomum. Muitos dos que sofrem algum tipo de *bullying* acabam “retribuindo” em algum momento, motivado por alguma brincadeira iniciada por outra pessoa, ou para tentar conseguir um status e ser aceitos por um grupo de determinado prestígio na turma. Conforme as respostas, mais de 60% passou a praticar *bullying*, por xingar ou excluir os colegas, pelos motivos anteriormente mencionados.

Perguntados sobre o amor, a maioria respondeu que sua primeira paixão aconteceu entre os 11 a 15 anos, idade que o jovem começa a transitar da infância para a vida adulta, passando, agora, pela adolescência (COSTA, 2012). Essa paixão ainda é, muitas vezes, do tipo platônico, não correspondida, e sendo encarada de diversas formas:

Uma fantasia das pessoas, uma coisa que só existia em livros e filmes.
não sei
Algo belo e afetuoso.
Eu costumava pensar que eu teria que alcançar o padrão estético social para que alguém gostasse de mim, então eu encarava essa situação com medo. Mas felizmente esse pensamento mudou com o tempo.
Fugia dela como o diabo foge da cruz. Mas acho que era mais pelo medo de nunca encontrar algo verdadeiro, então eu só fingia que não ligava.
Acho que da mesma forma que encaro hoje. O amor pra mim é algo essencial na vida do ser humano, seja o amor romântico, o amor de família ou o amor de amigos.
De uma forma que não me agradava tanto, achava meio tolo o fato de me apaixonar, fazia de tudo para parar de gostar da pessoa.
Como algo bonito, gostoso e intenso
De uma forma fantasiosa... havia uma idealização maior sobre como deveria ser esse sentimento entre duas pessoas, do que a própria experiência em si...
Algo apavorante
De uma forma bastante irreal por conta do que vi e li em séries, livros e novelas
De forma platônica. Não tive nenhum relacionamento durante minha adolescência. E nunca foi uma coisa que procurei ter durante essa fase.
Como um sonho inalcançável
Sempre achei que nunca poderiam me amar da mesma forma que eu amava.
Com intensidade
Como algo que não imaginava ser para mim (ainda tenho esse pensamento pra dizer a verdade)
De forma leve, como filmes da Disney
De maneira muito imatura, pois aprendemos muito sobre amor de forma errada e pouco sobre relações humanas. O que acaba nos fazendo romantizar situações que nem sempre existe amor de fato.
Como algo no campo do idealizado.
Não sabia direito como lidar e acabei ficando meio amargurado com isso

Tabela 2 - Respostas à questão "Na adolescência, como você encarava o amor?"

Assim, fica comprovado que existe uma idealização do que seja amor, de acordo com o conceito apregoado pela mídia, “aprendemos muito sobre amor de forma errada”, confirmando que o primeiro desejo relacionado ao prazer romântico está associado à projeção de si no outro, (AZEVEDO, 2006), sendo muitas vezes, algo “fantasioso” e “um sonho inalcançável”. Isto é, nessa idade, essas relações tendem a ser superestimadas, pois a identidade do jovem ainda está em construção, então, por não saber “direito como lidar”, acaba “ficando meio amargurado com isso”.

4.2 ELEANOR & PARK E OS LEITORES

Sabendo que a obra em análise aborda de maneira bem fundamentada a relação entre

bullying e o amor descoberto na adolescência, o questionário buscava compreender também como os leitores conseguiam estabelecer essa relação, partindo de um pressuposto de que a significação da obra é atribuída de acordo com a vivência do leitor (JAUSS, 2003 apud CALADO, 2009). Dessa forma, temos que, 92,9% das pessoas que responderam ao questionário, realmente leram a obra – apenas 3 pessoas (7,1%) não conheciam – e conseguiam identificar facilmente a relação estabelecida com a questão da prática do *bullying*:

O livro relata o bullying nas mais diversas formas. Gosto de perceber o cuidado de alertar o leitor para as consequências do bullying.
Buscou retratar a realidade, pois os pensamentos da personagem principal eram semelhantes aos meus, quando passei pela mesma situação.
De forma mediana, não trata de forma pesada a ponto de incomodar o leitor mas também não trata de forma superficial.
O livro como um todo, é narrado de uma forma muito particular. Eu gostei muito da escrita da autora, principalmente, a sua sensibilidade diante de alguns conflitos vividos pelos personagens principais. De forma resumida, acredito que a autora conseguiu retratar essa questão de uma forma bem realista, pelo ponto de vista dos personagens que sofriam por isso, mostrando a forma como eles lidavam com alguns aspectos de suas vidas, não apenas o bullying, mas a própria questão familiar.
Apesar do bullying estar presente na obra, não foi o que mais me chocou. Acredito que as relações familiares foram mais marcantes do que o bullying em si.
De forma crua, sem romantiza-lo com finais felizes ou reviravoltas o que é ótimo.
De maneira muito real. É cruel ler algumas cenas descritas neste livro, mas são necessárias para que o leitor possa compreender os danos causados pelo bullying e como o outro se sente. Assim é possível repensar suas ações antes de executá-las.
Achei que foi bem abordado. Confesso que durante a leitura eu fiquei muitas vezes indignada.
Achei a questão do bullying interessante principalmente pelos pensamentos da garota em relação aos fatos, porque ela se sente mal e interioriza as críticas. Contudo, vale falar que os eventos ocorridos no livro são bastante estereotipados, e poderia levar um leitor menos experiente a pensar que só o bullying explícito pode ser considerado como bullying.
De forma responsável e com certeza com alguns tapas na cara, li esse livro quando ainda estudava e com certeza foi importante para o meu crescimento pessoal.
Acho q ela mostra bem o lado da vítima,e como isso pode mexer com o psicológico da mesma,refletindo na auto estima e etc..
de uma forma adolescente, com uma maneira facil de entender
Eu achei que o bullying foi tratado de uma forma "normal" digo, tem bullying no livro, só que estamos tão interessados em saber o final, que não damos muita atenção

Tabela 3 - Respostas à pergunta "Como acha que a obra trata a questão do *bullying*?"

Apesar de manter uma linguagem simples, sendo facilmente assimilada por jovens, *Eleanor & Park* consegue expressar para o leitor, em uma relação irreal, um pouco sobre a prática do *bullying*, que vai além do que foi retratado na obra. Ainda assim, a forma como a autora trabalhou a temática conseguiu até mesmo chocar uma leitora que ficou “muitas vezes

indignada”. Não sendo tratada de maneira superficial, mas também não sendo densa e crua a ponto de chocar ao leitor, a obra consegue, do ponto de vista dos leitores pesquisados, manter uma relação coesa com a representação da prática de *bullying* e os efeitos na personalidade em construção dos jovens, exprimindo, ainda, os dramas familiares existentes nessa relação. A respeito dos dramas que dizem respeito à questão da descoberta romântica, as respostas, quase que em sua totalidade, expressam que o amor pode ser visto crescendo no cotidiano em que os dois jovens ficam juntos, sendo tratado como “algum remédio ou alívio para todos os sentimentos ruins provocados em Eleanor pelo bullying”.

A maneira “leve”, “natural”, “delicada” e “fofa” como a relação de Eleanor e Park é representada, expressa ainda o contexto familiar, fazendo “com que eles não entendam muitas coisas sobre o amor”, ainda assim, “Rainbow soube elaborar um relacionamento incrível entre Eleanor e Park, sem muito exagero ou com situações impossíveis”. Alguns leitores ainda sinalizaram para a idealização do outro (AZEVEDO, 2006), que é retratada de maneira acentuada na obra, tendo em vista que “não foi um livro sobre “amor a primeira vista”, como a maioria dos livros adolescentes”, de fato, percebe-se essa construção e consolidação de uma confiança mútua entre os jovens, de acordo com a maneira gradual “com que o sentimento floresceu”.

Dessa forma, pode-se observar que a obra, agindo sobre o meio social e sofrendo influência desse (CANDIDO, 2006), traça uma representação da realidade, a partir de um ponto de vista que expressa “a realidade de muitas pessoas. Não apenas diante do bullying, mas as questões da adolescência, abandono familiar, a descoberta do primeiro amor”. Essa descoberta acontece como uma construção no cotidiano dos jovens e não nega a aproximação do enredo com o mundo empírico, confirmando o que há na breve biografia da autora em seu site pessoal: que ela escreve para contar histórias de pessoas que sentem demais e têm pensamentos autodepreciativos. De acordo com os leitores que responderam à pesquisa, esta obra

Apresenta a realidade. Geralmente quando descobrimos que estamos apaixonados por alguém, nunca é da forma que imaginamos e queríamos que fosse. O livro é exatamente assim, esperamos que eles fiquem juntos para sempre como em um conto de fadas. Mas não ficam, e na maioria das vezes essa é a realidade.

Essa representação é o que permite ao leitor observar a temática sob várias óticas, “e entender alguns relacionamentos principalmente os abusivos mais a fundo”. É interessante observar esta resposta, pois ela indica para uma leitura mais profunda (GREGORIN FILHO, 2011), isto porque, especificamente nesta obra, apesar de o foco ser direcionado para o amor

cultivado pelos jovens que, por sua vez, ajuda à Eleanor a não desenvolver pensamentos depressivos e suportar a situação em sua casa, ainda é apresentado ao leitor o abuso nas relações de poder que permeiam o relacionamento entre a mãe de Eleanor, os irmãos dela e o padrasto. Logo, a obra proporciona mais discussões sobre as relações, sobretudo amorosas, modernas, que são bastante fluidas (BAUMAN, 1998) e marcadas, também, por certa frieza, especificamente no caso de Eleanor e Park, em que o menino, ao perceber o sentimento que nutre pela garota, não hesita:

– Tenho que ir – ela se inclinou, aproximando o aparelho da base.
 – Eleanor, espere – Park falou. [...] – Eleanor, espere. *Eu te amo*. Eleanor?
 [...] E Eleanor desligou o telefone e fingiu que dormia. (ROWELL, 2013, p. 116)

ao passo que Eleanor,

– Não é assim, Eleanor, e você sabe. – Os braços dele a apertaram com força. O tom de brincadeira abandonou sua voz. – Não há motivo pra pensar que vamos deixar de amar um ao outro. E todo motivo pra pensar que não vamos. *Eu nunca disse que te amo*, pensou Eleanor.
 E, mesmo depois que ele a beijou, ela manteve as mãos no peito dele. (ROWELL, 2013, p. 239, 240).

Apesar de nunca ter dito que amava Park, o modo como o narrador desenrola o enredo, permite ao leitor inferir tal coisa, fazendo uma crítica ao modo tímido, acuado, com que Eleanor trata os sentimentos que tem em relação ao seu namorado, apontando para a sua identidade em construção fragilizada devido a todos os assédios e agressões que tem de passar durante os dias. A obra contrasta as diferenças das duas famílias e, principalmente, das duas protagonistas, evidenciando que uma relação de desprezo, desfavorecimento, exclusão impacta diretamente no modo como o adolescente, com identidade em formação, se enxerga e enxerga o mundo ao seu redor. Para Eleanor, todas as coisas eram muito difíceis, sobretudo por conta da situação em que se encontrava: economicamente carente, num ambiente familiar tóxico e prejudicial aliado às agressões sofridas na escola, decorrentes de uma prática constante de *bullying*, restando à garota apenas fugir para um lugar onde talvez ela pudesse sentir-se melhor. Para Park, fugir de ser alvo de brincadeiras por ser de descendência oriental, o fez namorar a garota mais popular da escola na infância e, após isso, reservar-se no que diz respeito à uma plena socialização no contexto escolar. Por fim, para ambos, serem diferentes os fez cultivar um sentimento mútuo baseado em confiança.

CONCLUSÃO

A partir da análise da obra pudemos compreender que *Eleanor & Park* (2013) se caracteriza como Literatura Infantil-juvenil, pois, apresenta, não a via de regra, uma linguagem mais simples, aproximada ao público jovem, ainda que sem ilustrações, contudo proporcionando, através do desenrolar do enredo e dos problemas das personagens, imaginar como são as personagens e o espaço da narrativa. Não é uma leitura densa e simbólica, a autora desenvolve o enredo de maneira apropriada para que jovens que estão em idade escolar compreendam a história e relacionem-na à sua vivência na escola. Ela apresenta, ainda, tensões e dramas que são, normalmente, característicos do período da adolescência e dizem respeito ao desenvolvimento biológico, psicológico e social dos jovens. É nessa fase em que eles, ao entrar na puberdade, o período de amadurecimento, começam a ter mais acentuadas suas características físicas, sobretudo com finalidade reprodutiva.

A adolescência é uma fase que, por anteceder a vida adulta, representa não apenas a busca pela independência, mas também a descoberta do amor enquanto sentimento/desejo romântico por outras pessoas de sexos opostos e/ou iguais. Acontece de maneira sutil, mas é revelada num processo de projeção de si no outro. Os jovens, em processo de construção identitária idealizam a pessoa por quem nutrem um sentimento romântico, frustrando-se caso suas expectativas não sejam atendidas, e, por sua vez, desenvolvendo uma série de relações que não se aprofundam, deixam de lado a vinculação de um laço afetivo entre um e outro para a manutenção de uma relação de teor plástico, logo, fluida.

É nessa ocasião também que a autoimagem de si é construída. Sendo consolidada através, também, da experiencição de conhecer a si mesmo através do seu corpo (e, não raro, do e no corpo do outro). Tendo acentuadas as suas características reprodutivas, os jovens passam a olhar para si e para o outro com um novo olhar. Nesse período também, eles passam a sofrer diversas pressões que são impostas por aqueles do seu próprio meio, marcando as relações de poder. Estas, quando são desiguais possibilitam desenvolver uma prática prejudicial ao desenvolvimento pleno do jovem: o *bullying*.

Bullying é uma palavra que, incorporada da língua inglesa, identifica a prática regular de humilhar e agredir, psicológica, verbal ou fisicamente a outro do seu meio. É mais identificada no espaço escolar, e, por extensão, o espaço virtual. Infelizmente é uma prática comum cujo impacto pode ser devastador na personalidade e construção da identidade do

jovem. Na obra, podemos perceber que a personagem Eleanor era a que mais sofria com esse tipo de costume, como efeitos ela acabou desenvolvendo uma visão depreciativa de si, acreditando não ser capaz de receber elogios ou até mesmo ser amada.

Desse modo, concordando com o intuito desse trabalho, foi possível observar a maneira como a temática do *bullying* no meio escolar foi trabalhada em relação à descoberta do amor, este último que se dá através de uma construção proporcionada pelo contato diário dos jovens. A obra ainda chama atenção para outros aspectos que devem ser levados em consideração ao considerar os efeitos do *bullying*, como por exemplo, a desestruturação do seio familiar. Esses elementos garantem à obra um status de correlação com a realidade, que permitem inferir que o livro toma para si, para a sua construção ficcional determinadas características do mundo empírico a medida em que possibilita, para os leitores, estabelecer discussões acerca da temática proposta.

Por fim, através de um questionário virtual enviado, por meio da rede social Skoob, para os leitores da obra (e pedindo que fosse divulgado) pode-se constatar a receptividade da obra, enquanto literatura infantil-juvenil lida por jovens adultos, e como eles próprios encaram essa temática, chegando a ser citados inclusive experiências pessoais que não dizem respeito diretamente à obra em si, mas que correspondem ao tema, confirmando que a prática do *bullying* é comum e, na maior parte das vezes, passa despercebida pelos professores. Perceber o impacto que obras, como a selecionada para compor o corpus do trabalho, causam nos leitores é de extrema importância, sobretudo para aqueles que, enquanto docentes, buscam minimizar os efeitos do *bullying* na atualidade, onde os jovens, em processo de construção identitária e descoberta de si e do outro, enfrentam situações que podem terminar por moldar o modo como se relaciona com outros.

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, A. K. S. **Relação amorosa e tentativa de suicídio na adolescência**: uma questão de (des)amor. Natal: UFRN, 2006. Dissertação.
- BANDEIRA, C. de M.; HUTZ, C. S. Bullying: prevalências, implicações e diferenças entre os gêneros. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, v. 16, n. 1, 2012.
- BATISTA, D. R. N. **Literatura infantil**: conto, reconto e suas contribuições para a construção da consciência crítica na criança. Bahia: UFBA, 2016. Dissertação.
- BAUMAN, Z. **Mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- BRAIT, B. **A personagem**. São Paulo: Ática, 1987.
- CALADO, M. C. V. S. **Adaptar para conquistar leitores infanto-juvenis**: O caso de *Seis Contos de Eça de Queirós* recontados por Luísa Ducla Soares. Lisboa: Universidade AbERTA, 2009. Dissertação.
- CANDIDO, A. **Literatura e Sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006.
- CANO, M. A. T.; FERRIANI, M. das G. C. Sexualidade na adolescência: um estudo bibliográfico. **Revista Latino-americana de enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 8, n. 2, 2000.
- COSTA, V.; FERNANDES, S. C. S. O que pensam os adolescentes sobre o amor e o sexo? Um estudo na perspectiva das representações sociais. **Psicologia & Sociedade**, v. 24, n. 2, 2012.
- FILHO, S. A. de M. Práticas de Letramento Digital no Skoob. In: 5º Simpósio Hipertexto e Tecnologias na Educação/1º Colóquio Internacional de Educação com Tecnologias, 2013, Pernambuco. **Anais...** Pernambuco: UFPE, 2013.
- GREGORIN FILHO, J. N. Literatura infantil/juvenil, sociedade e ensino. In: Anais do 16º COLE. **Anais...** Campinas: ALB, 2007. Disponível em: <http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais16/prog_pdf/prog11_01a.pdf>. Acesso em: jul, 2018.
- _____. **Literatura juvenil**: adolescência, cultura e formação de leitores. Melhoramentos, 2011.
- JUSTO, J. S. O “ficar” na adolescência e paradigmas de relacionamento amoroso da contemporaneidade. **Revista do Departamento de Psicologia – UFF**, v. 17, n. 1, 2005.
- LIMA, N. L. de. **A escrita do amor na adolescência**: a construção de um semblante no encontro com o indizível. 2011. Disponível em: <<http://www.psicanalise.ufc.br/hot-site/pdf/Mesas/41.pdf>>. Acesso em: jul, 2018.

- PESCE, R. P.; ASSIS, S. G. de; AVANCI, J. Q. **Agressividade e transgressão em crianças: um olhar sobre comportamentos externalizantes e violências na infância**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ/ENSP/CLAVES/CNPq, 2008.
- PICADO, L. Bullying em contexto escolar. **Psicologia.pt**, 2009.
- PRESTES, M. L. de M. **A pesquisa e a construção do conhecimento científico: do planejamento aos textos, da escola à academia**. São Paulo: Rêspel, 2014.
- ROWELL, R. **Eleanor & Park**. São Paulo: Novo Século Editora, 2013.
- SENRA, L. X. LOURENÇO, L. M.; PEREIRA, B. O. Características da relação entre violência doméstica e bullying: revisão sistemática da literatura. **Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia**, v. 4, n. 2, 2011.
- TOMÁS, T. R. A. **A agressividade e o bullying na educação física escolar: uma revisão de literatura**. Minas Gerais: UFOP, 2016. Monografia.
- TURCHI, M. Z. Narrativas juvenis: a inovação literária em busca do leitor. **FronteiraZ**, São Paulo, n. 17, 2016.
- VIANA NETO, J. de Q. Skoob: ambiente virtual de socialização entre leitores e produtores de texto. In: 3º Simpósio Hipertexto e Tecnologias na Educação: Redes Sociais e Aprendizagem, 2010, Pernambuco. **Anais...** Pernambuco: UFPE, 2010.

ANEXOS

Bullying e a descoberta do amor na adolescência

O presente formulário faz parte das pesquisas para elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), na área da Literatura. Suas respostas serão de grande valia para a contribuição do desenvolvimento das pesquisas.

*** Required**

1. **Sexo** * *Mark only one oval.*

- ☐ Feminino
☐ Masculino

2. **Média de Idade** * *Mark only one oval.*

- ☐ 15 a 19 anos
☐ 20 a 25 anos
☐ 26 anos ou mais

3. **Onde cursou o ensino regular?** * *Mark only one oval.*

- ☐ Escola Pública
☐ Escola Privada

4. **O que você entende por bullying?***

5. **Sofreu ou conhece alguém que sofreu alguma situação em que considera que foi prática de bullying?** * *Mark only one oval.*

- ☐ Sim
☐ Não

6. **Você já praticou bullying?** * *Mark only one oval.*

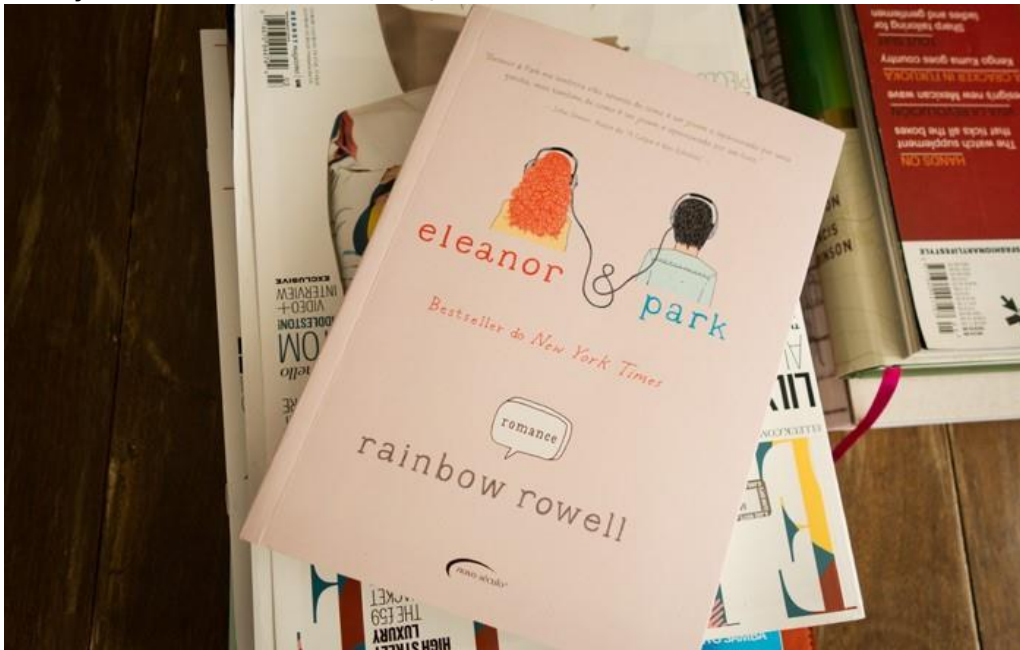
- ☐ Sim
- ☐ Não

7. **Considerando a resposta anterior, se sim, pode nos contar como foi?**

8. **Com quantos anos você teve sua primeira paixão?** *

9. **Na adolescência, como você encarava o amor?** *

10. **Você já leu o livro Eleanor & Park, da autora Rainbow Rowell** *



Mark only one oval.

- ☐ Sim
- ☐ Não

11. Baseado na leitura do livro, como acha que a obra trata a questão do bullying?

12. Baseado na leitura do livro, como acha que a obra trata a questão da descoberta do amor?

13. A obra representa a realidade ou você acredita que é mera ficção criada, irreal?

14. Você recomendaria, no contexto escolar, a leitura desta obra e de obras que tratam de questões similares?

Obrigado pela sua contribuição!
